



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

Companheiros

«O TÊXTIL» pretende continuar a ocupar o seu posto de combate na defesa dos interesses da nossa classe. Para que ele progrida e alargue a sua acção envia-nos as vossas sugestões, críticas e colaboração. Denunciad corajosamente as violências e a exploração nas empresas. Divulgai-o entre companheiros de confiança.

ABAIXO A GUERRA EM ANGOLA

INDEPENDÊNCIA PARA OS POVOS COLONIAIS

O sorvedoiro da guerra de Angola continua mobilizando milhares de jovens, de filhos do povo, de companheiros de trabalho, de chefes de família, de rapazes das nossas aldeias e das nossas fábricas, que partem para não mais voltar.

Quem lhes garante a existência nesta guerra cruel, travada na selva africana, a milhares de quilómetros das nossas aldeias e das nossas cidades? Quem lhes sustenta a família sem amparo? Quem seca as lágrimas das mães ansiosas, das companheiras, dos filhos, das noivas, daqueles que sofrem também na sua carne esta louca aventura do governo de Salazar, que não se quer dar conta que o mundo evoluiu, que os povos coloniais devem ser senhores dos seus destinos?

O governo de Salazar quer fazer-nos acreditar que não podemos viver sem colónias, mas há quatrocentos anos que Portugal escraviza negros e o nosso país encontra-se hoje entre as nações mais pobres e mais atrasadas da Europa.

É um crime contra o povo português e africano o que Salazar está cometendo com a guerra em Angola. Ele quer salvar os colonialistas de uma derrota inevitável e não se

importa sacrificar a estes vis intentos os nossos jovens soldados. Não lhe interessa as lágrimas e a dor das mulheres portuguesas, provocadas pela carnificina a que ele deu origem, recusando aos povos africanos o direito à independência e à liberdade.

A brutalidade da guerra, os milhares de contos que ela diariamente consome é o povo que tem de pagar-las, quer com a sua carne e o seu sangue, quer com o seu braço e o

seu suor. Novos roubos nos salários, novos ritmos infernais, novos despedimentos e descontos, novos aumentos no custo de vida, ligados à falta de géneros de primeira necessidade, não-de- vir a pesar na nossa vida, como dolorosa realidade, a única que Salazar nos oferece, em troca dos pesados sacrifícios que nos impõe. É um crime e um acto de loucura o que Salazar está fazendo. Ele quer evitar a falência sem remédio do regime colonial. (continua na pag. 2)

COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO

Fiel às grandes tradições de luta dos trabalhadores do mundo inteiro, a classe têxtil não deixou de comemorar o dia 1.º de Maio. Em várias localidades a classe confraternizou, em pequenos e grandes actos, recordando o esforço realizado pelas massas laboristas, neste dia memorável.

No PORTO os nossos companheiros organizaram um piquete, onde evocaram os combatentes de 1.º de Maio e à tarde reuniram-se num jantar, que serviu para reforçar os laços de camaradagem e de luta.

No zona têxtil do Serto da Estrela as comemorações revestiram-se de grande projecção, que em nada desmereceu das comemorações dos demais anos. Em várias localidades os operários reu-

niram-se para celebrar a jornada de luta pelas oito horas de trabalho, marcadas com o sangue e o sacrifício de milhares e milhares de operários de vários países e de todas as raças.

Em TORTOZENDO várias centenas de operários reuniram-se nos arredores da vila para comemorar o dia 1.º de Maio. Aproveitando o facto de 3 fábricas estarem em férias, vários dezenas de operários partiram logo de manhã. A estes foram juntar-se os restantes, com suas famílias. Todos unidos organizaram a festa campestre, onde reinou um só camaradagem. Os presentes improvisaram divertimentos, dançaram, cantaram e celebraram com bastante alegria o dia dos trabalhadores. Eles estavam irmanados com os operários de outros países.

(continua na pag. 2)

NÃO SUSTENTEMOS A GUERRA E A ESCRAVATURA

Ao morticínio da guerra, à dor de muitas mães, esposas e noivas, o governo fascista de Salazar quer juntar a obrigatoriedade de pagarmos, com os nossos salários, de miséria, os gastos da carnificina que ele provocou em Angola. Os operários têxteis não podem apoiar uma guerra injusta e muito menos contribuir para ela com o seu dinheiro, seja de que forma fôr. Não subscrevamos nas empresas os pedidos de ajuda às vítimas do terrorismo em Angola. Recusemo-nos a aceder às pressões e intimidações do patronato e das autoridades para que descontemos um dia de trabalho destinado à guerra em Angola. Sigamos o digno exemplo dos operários dos Estaleiros Navais da CUF, em Lisboa, que se recusaram a contribuir, com o seu salário, para a guerra colonial.

Desencadêmos por toda a parte lutas de massas e manifestações de protesto contra a política criminoso do governo de Salazar. Nem um centavo para esta guerra de opressão. Nem um soldado mais devemos deixar partir.

PREGUNTAS QUE CARECEM DE RESPOSTA

Segundo dizem os governantes, as leis são para se cumprir e quem não as cumpre... Isso suscita-nos algumas perguntas.

Em 1900, por lei o sindicato têxtil do Porto devia realizar eleições. Por que ainda não fez? E fora de dúvida que a actual direcção é ilegal e sujeita, por isso mesmo, às consequências do não cumprimento da lei. Mas não só ela, como também o ministério das Corporações e o delegado do INT no Porto.

Em 1900 e 1901, a mesma direcção, por lei, igualmente, devia apresentar o relatório e contas. Por que ainda não o fez? Que se passa com os contas do sindicato para que não sejam apresentadas à classe? Deste facto são igualmente conhecedores o ministério das Corporações e o delegado do INT no Porto.

Nam regime político legal e sério, o que se passa com este sindicato implicava um inquérito rigoroso e honesto com todas as suas consequências. Porém, no regime de arbitrariedade em que se vive não são os homens visados que res-

ponderam às perguntas colocadas. São as massas, pela sua acção, que terão de fazer respeitar as leis e responder adequadamente às perguntas feitas.

Para isso organizemos a luta pelas eleições no sindicato do Porto. Criemos em cada fábrica comissões sindicais que conduzam e anhem a discussão deste ponto, dentro e fora das fábricas. Formemos a lista para a nova direcção com companheiros honrados e dedicados à classe. Popularizemos a lista por todas as fábricas. Concentremo-nos no sindicato, exigindo a marcação do dia das eleições e a discussão do relatório e contas.

Também no sindicato têxtil de Tortozendo há uma situação anormal, pois há longos anos que aquele organismo funciona com uma comissão administrativa, apesar dos pedidos dos nossos companheiros, para que se realizem eleições. Mais uma vez uma delegação de operários se dirigiu ao sindicato, para pedir uma audiência ao delegado do INT, a fim de lhe requerer que sejam eleitos os corpos gerentes. A direcção reagiu negativamente mas acabou por pedir a audiência.

Avante, companheiros, na luta pela eleição de direcções honradas para os nossos sindicatos.

Abaixo a guerra

(continuação da pág. 1.)

Mas a classe têxtil não pode transformar-se em instrumento deste ditador sangüinário e do seu regime fascista. Temos que agir e lutar. Temos que nos unir e passar à acção. A hora é de luta se queremos sobreviver e construir um mundo melhor, se queremos acabar com o governo salazarista. Em cada empresa, localidade, e região industrial temos de dar começo a uma luta de tipo superior. Organizemos acções de protesto para que não partam mais soldados e regressem os que partiram. Concentremo-nos nos locais de embarque para transformarmos as manifestações da partida em grandes manifestações contra a guerra colonial e o governo de Salazar. Façamos paralizações de protesto nas fábricas à partida de cada companheiro nosso.

Criemos comités de Unidade nas empresas, localidades e regiões, para conduzirmos largas acções que levem ao derrubamento de Salazar. Salazar não é apenas o aigoz do povo. É o assassino de milhares de jovens de Portugal e de Angola.

A LUTA CONTRA O GOVERNO DE SALAZAR É A LUTA CONTRA A MISÉRIA, A OPRESSÃO E A GUERRA. É A LUTA PELA LIBERDADE E A DEMOCRACIA.

Abaixo a tirania salazarista! Que cesse a guerra colonial!

RUBRICAS

PARA O TÊXTEL

Ação	14,50
Anónimo	224,00
Contribuição voluntária para a obra de desprego	40,00
Quarta de desprego	179,50
Dois operários contra o fascismo	104,00
Homens da presença	14,50
Jardão e lutador	5,00
Libertação de F. Mello	104,00
Quarta de desprego	1,00
Novos amigos do Têxtil	50,00
Novo amigo do Têxtil	208,00
Novos amigos têxteis	48,50
Novo amigo do Têxtil	50,00
Novo amigo do Têxtil	208,00
Teira V	2,50
Festa queda do fascismo	22,00
Saar	18,00
Têxteis Unidos	25,00
Têxtil vermelho	10,00
Instituto democrático do Têxtil	11,50
Têxteis unidos	21,00
Instituto democrático	14,00
Um grupo de trabalhadores	31,50
Um grupo de trabalhadores	31,50
Uma operação têxtil	28,50
Unidade na Têxtil	38,00
TOTAL	422,10

Companheiros! «O TÊXTEL» precisa da vossa ajuda financeira. Cria grupos de amigos de «O TÊXTEL». Paga! «O TÊXTEL»

COMEMORAÇÕES DO 1º DE MAIO

(continuação da pág. 1.)

Mas as pacíficas manifestações do 1º de Maio causaram sérios engulhos às autoridades salazaristas que tudo fizeram para as torpedear.

Oito dias antes já a GNR rondava as fábricas, intimidando os operários. No dia 1º de Maio, TORTOZENDO começou a ser patrulhado logo de manhã cedo por patrulhas da GNR da localidade e da Covilhã. Não faltou também uma brigada da PIDE. Apesar deste aparato militar e intimidativo, os têxteis não deixaram de reunir-se e de dar largas ao seu entusiasmo e alegria.

De regresso à povoação organizaram uma dança no centro da vila. A GNR intimou a multidão a dispersar. Cêneo operários foram presos e as centenas de trabalhadores forçados a abandonar a praça atra-

vés das ruas laterais. Porém a multidão mal se apercebeu das prisões que se acabavam de efectuar alertou o povo, que se concentrou em massa no centro da vila, numa manifestação de protesto. Erguem-se vivas ao 1º de Maio. A multidão avança para o posto da GNR, onde está concentrada uma força militar, que ameaça fazer fogo. Três jeeps barram o caminho aos operários. Temendo o pior os manifestantes retrocedem e dirigem-se ao presidente da Junta de Freguesia para lhe exigirem a libertação dos seus companheiros.

Cerca da meia noite o presidente garante a libertação dos presos, que teve lugar uma hora depois.

Com uma coragem digna de exemplo, os trabalhadores de Tortozendo comemoraram o dia 1º de Maio.

AS COMPANHIAS ALGODOEIRAS E A EXPLORAÇÃO COLONIAL

Casas para OPERÁRIOS

o algodão que se cultiva em Angola e Moçambique é exportado pelas grandes companhias algodoeiras, que possuem, para a sua produção áreas incensáveis, que chegam a alcançar centenas de milhares de hectares de terras.

Entre as companhias algodoeiras podemos citar, em Moçambique, a SAGAL, de que faz parte o ex-ministro da Economia, Supício Pinto; a COMPANHIA DE ALGODÕES DE MOÇAMBIQUE, de que faz parte o ex-ministro das colónias, Vieira Machado; a SOCIEDADE ALGODOEIRA DO SUL DO SAUVE, de que fazem parte os irmãos Lara; em Angola, a COMPANHIA GERAL DOS ALGODÕES DE ANGOLA, de que fazem parte, ao lado dos capitalistas estrangeiros Jean Brann e Henri Schneider, as conhecidas individualidades fascistas, Pedro Teotónio Pereira, ministro da Presidência, Vieira Machado e Marcelo Caetano.

As autoridades coloniais, sob as ordens destas companhias, forçam os povos africanos a abandonar as suas aldeias e as suas terras, para desbravarem o mato, a-fim-de-nele semear o algodão, correndo todos os riscos de uma má colheita, além dos prejuizos morais e materiais que têm de suportar, com o abandono das suas culturas e das suas famílias. Com a guerra colonial em Angola este trabalho-escravo é feito sob a pressão das baionetas.

O número de africanos, obrigados a trabalhar para a COMPANHIA GERAL DOS ALGODÕES DE ANGOLA, é de 34.680, não sendo muito diferente o número de cultivadores forçados a trabalhar para as outras companhias algodoeiras.

Estas companhias, verdadeiros potentados coloniais, foram isentas do pagamento de impostos. Em Moçambique os 15 mil contos que pagavam ao Estado tiveram de ser cobertos p-lo aumento dos valores fiscaes e outras formas de contribuição que recaem em primeiro lugar, sobre o grande público.

Os trabalhadores africanos são os verdadeiros produtores do algodão, mas os seus ganhos não vão além de 92800 mensais, enquanto as grandes companhias al-

godeiras obtêm lucros de dezenas de milhares de contos. O algodão pago aos trabalhadores africanos a \$50 o quilo, carregado por estes às costas para os locais de compra, onde os representantes das concessionárias algodoeiras os roubam no preço e na classificação da qualidade, é vendido, segundo as cotações do mercado mundial, a 24900.

Não é difícil compreender porque os colonialistas se empenham em manter o seu domínio sobre os territórios e as populações africanas. Não é difícil compreender, igualmente porque se empenham os povos de Angola e das outras colónias em sacudir este jugo de tão brutais consequências, que os reduz à miséria mais afrontosa e à condição de escravos. Os colonialistas semi-escrúpulos.

FORMAS DE EXPLORAÇÃO NA SERRA DA ESTRELA

Em UNHAIS DA SERRA na empresa do PADRE ALFREDO, por causa da entidade patronal não estar a efectuar os devidos descontos, os operários não têm recebido os subsídios de Abono e outras regalias a que têm direito.

Na Sociedade Fabricante Lda de Tortozendo foram castigados com 8 dias sem trabalho 2 operários por defeitos originados pelo material que lhes forneceram.

Na Firma JOÃO AFONSO & Cª foi castigada com 8 dias sem trabalho uma mulher por ter sido vista a coser um botão da sua roupa durante a hora do trabalho. Uma outra operária foi despedida sem motivo justificado.

Ainda na empresa SOCIEDADE FABRICANTE & Cª um operário foi castigado com 15 dias por a obra apresentar um defeito, em consequência das más condições em que se encontrava a matéria prima em que trabalhou.

Aqui os empregados insultam as operárias do armazém, quando estas não são capazes de consertar determinados defeitos nos panos. As mteadeiras de fio num total de 15, são obrigadas, se faltarem 4 ou 5, a executarem todo o trabalho referente à laboração da casa,

As autoridades salazaristas trazem-nos no coração. Agora foi a Câmara Municipal de Guimarães, que veio em nossa ajuda. Mandou construir em Urgez um bairro económico com rendas de 170800, 225000 e 260300 mensais. Mas como podemos nós pagar rendas tão elevadas se ganhamos salários de 21900, 22900 e 23900 e ainda por cima somos multados? Como podemos alimentar-nos, vestir-nos e calçar-nos se mais de um terço do nosso salário é consumido com a renda da casa?

Não! Senhor presidente da Câmara! Os trabalhadores precisam de casas económicas de preço mais barato! Precisam de ganhar melhores salários, para que não haja tamanha desigualdade neste pequeno país. Uns têm tudo, outros nada.

como se não faltasse ninguém. Estas operárias estão submetidas a um trabalho excessivo. Elas consideram como meta normal para o seu trabalho diário passarem 2 cortes. São porém obrigadas a passar 7 e mais por dia, o mesmo acontecendo com a revista aos cortes pesados.

As operárias são impelidas para este trabalho, em virtude de minorarem a exploração a que são submetidas as operárias caseiras, porque enquanto as mteadeiras de fio não derem por revistados os cortes a empresa não paga a queitas.

Na SOCIEDADE DE LANIFICIOS uma operária que estava a conversar foi castigada com 2 dias. Segundo dizem os encarregados, ali nem se pode rir.

Nesta empresa os mestres são useiros e vezeiros em insultos. O mestre Júlio Felizol chegou a dizer na sua secção que tinha mais consideração por um cão do que pelos operários.

Nesta empresa há casos de operários que vão substituir companheiros que estão de férias e cujo salário deve ser de 36550 mas apenas lhes pagam 33550. Quando protestam; enviam-nos para o pior trabalho, designado nesta fábrica por Terrafal.

SÓ PELA LUTA ACABAREMOS COM A EXPLORAÇÃO e conseguiremos melhores salários

O patronato têxtil, sentindo-se protegido pelo governo e contando com a colaboração dos laços sindicais, nada respeita. Rouba descaradamente, desce os salários, ameaça os operários com a PIDE e colabora com ela, não cumpre a tabela dos salários, baixa o preço das empreitadas, obriga-nos a trabalhar com mais teares, exige mais produção e em Fevereiro reuniu para aumentar os preços dos produtos vendidos ao povo.

Para o patronato têxtil há apenas um objectivo definido: mais lucros. Para nós significa maior exploração e mais roubos nas fábricas, mais fome, miséria e doença nos nossos lares.

Ultimamente esta situação agudizou-se ao extremo.

Per lei, lei governamental, para inglês ver, o patronato não pode pagar aos operários, que trabalham de empreitada, salários inferiores aos que estão estabelecidos na tabela dos salários mínimos. Porém, todos sabemos como isto é desrespeitado. Das mais variadas fábricas chegamos informações de companheiros que não recebem o salário a que têm direito. Em vários lados os protestos dos operários são atendidos numa semana, para logo serem roubados na semana seguinte.

Noutras fábricas, alguns companheiros, com receio de serem despedidos, não protestam e aceitam os roubos. Noutros lados ainda

os patrões despedem os que reclamam que lhes seja entregue o salário completo, e outros, para manterem os roubos, ameaçam os operários com a PIDE.

A classe poderá terminar com esta situação se decididamente se unir e passar à acção. A luta é a única via que nos ajudará a vermos livres da miséria a que o patronato sempre nos tem submetido.

Discutamos em todas as fábricas a acção a desenvolver contra a exploração e os roubos. Formemos comissões de Unidade com os companheiros mais combativos, para que, apoiados por todos, conduzam a luta junto do patronato e dos sindicatos.

Exijamos aumento de salários e do preço das empreitadas, terminação definitiva de todas as multas e dos despedimentos sem justa causa.

LUTA DOS OPERÁRIOS TÊXTEIS DE TORTOZENDO

Em Tortozendo, quase todas as fábricas estão em laboração reduzida. Embora os patrões estejam a pagar os 6 dias, os salários passaram a ser apenas o equivalente a 80 por cento do salário mínimo.

Na COVILHÁ também algumas empresas estão em regime reduzido.

Em TORTOZENDO, na firma industrial do conhecido tubarão M. BATISTA onde há 22 meses os operários só trabalham 5 dias por

Contra o terror fascista PELA AMNISTIA

Nos cárceres agrava-se a situação dos presos. Os maus tratos continuam. São espancadas e torturadas mulheres portuguesas. Há falta de assistência médica. O governo de Salazar condena à morte os melhores filhos da classe operária, os camponeses, intelectuais, os jovens e as mulheres, que ergueram o seu brado de protesto contra a exploração e a miséria que reina na nossa Pátria.

Mãos nas mãos façamos deter às brutalidades e os crimes da camarilha fascista. Abramos, com a nossa acção, unidade e firmeza as portas das prisões. Os melhores filhos do povo devem ser libertados. Que cesse o terror e a repressão que se abateu sobre o país. Que reine em Portugal a Paz e a Liberdade. AMNISTIA! AMNISTIA!

SAUDAÇÃO AO PARTIDO COMUNISTA

O Partido Comunista Português completou 40 anos de existência. Durante a longa noite de dominação fascista a classe operária teve no P. C. P. o seu melhor guia e defensor na luta contra a exploração capitalista, contra a guerra e os opressores do povo.

Sem a acção esclarecida do Partido Comunista, sem o seu papel dirigente, a classe têxtil não teria levado a cabo um conjunto de acções reivindicativas que contribuíram para melhorar as suas condições de vida.

Partido da classe operária e dos camponeses, Partido dos trabalhadores intelectuais, dos combatidos laboriosos do país que tem-se esforçado por cumprir o seu dever de Partido de vanguarda, não se

poupa aos mais duros e pesados sacrifícios.

Os seus melhores filhos têm permanecido longos anos nos cárceres, como exemplo ao seu Secretário Geral, Alvaro Lunhal. Outros, como Francisco Miguel, Rodrigues da Silva, ainda lá se encontram, depois de terem cumprido mais de 20 anos de prisão.

Saudamos o glorioso Partido dos trabalhadores portugueses, que continua incansavelmente a sua acção, para guiar o proletariado português, na luta pela instauração da Democracia e do Socialismo na luta para pôr fim à política colonialista de opressão colonial de miséria e de exploração.

Viva o Partido Comunista Português.

semana, errou a notícia de que iam passar aos 6 dias. Porém, passados 15 dias, os operários verificaram que isto não passava dum boato, tendente, como tantos outros, a enganar os operários. Indignados, todos os operários paralizaram imediatamente o trabalho e pediram que o patrão os reacesse.

O patrão, que começou por se negar a ir junto dos operários, acabou por aceder a verificar a firmeza destes, que continuaram parados até serem atendidos. Junto do patrão, protestaram contra o facto de terem que continuar a trabalhar apenas 5 dias, mostrando as dificuldades que esta situação lhes estava a causar.

Não conseguiram os operários do M. Batista que o patrão atendesse a sua situação, passando-os a 6 dias. Porém, se em todas as outras empresas os operários seguirem o seu exemplo, os patrões serão forçados a atender os operários.

Não deixemos que a fome nos consuma e as dívidas aumentem.

Unidos e firmes, exijamos os 6 dias de trabalho.